

José Miguel Silva

JOSÉ MIGUEL SILVA nació en Vila Nova de Gaia en 1969 y ha publicado los siguientes libros de poesía: *O sino de areia* (Porto, 1999), *Ulisses já não mora aqui* (Lisboa, 2002), *Vista para um Patio seguido de Desordem* (Lisboa, 2003) y *24 de Março* (Porto, 2004).



El frío

El frío duerme poco.
Se levanta en la oscuridad,
deja la leche y la mantequilla
intactas sobre la mesa,
toma el sombrero
y camina hacia la puerta.

Pasa sin detenerse por la casa del amigo,
por la calle donde creció,
por el brillo blanquecino de las azucenas,
las botas decididas.
Cuanto más vacías más pesadas
son las maletas color de barro.

Deja detrás una ventana
desde donde no se ve el mar,
un cofre sin secreto.
De espaldas a la noche, tanteando,
no regresa.

Lo que pienso sobre la poesía portuguesa más reciente es lo siguiente: José Alberto Oliveira, Ana Paula Inácio, Rui Pires Cabral, Jorge Gomes Miranda, José Tolentino Mendonça, Carlos Bessa y Manuel de Freitas.

Poema original

O frio // O frio pouco dorme. / Levanta-se na treva, / deixa o leite e a manteiga / intocados sobre a mesa, / agarra no chapéu / e avança para a porta. // Passa sem detença pela casa do amigo, / pela rua onde cresceu, / pelo brilho de alvacim das açucenas, / as botas decididas. / Quanto mais vazias mais pesadas / são as malas cor de barro. // Deixa atrás de si uma janela / de onde não se vê o mar, / um cofre sem segredo. / De costas para a noite, tentando, / não regressa. // (De *O sino de areia*, 1999)

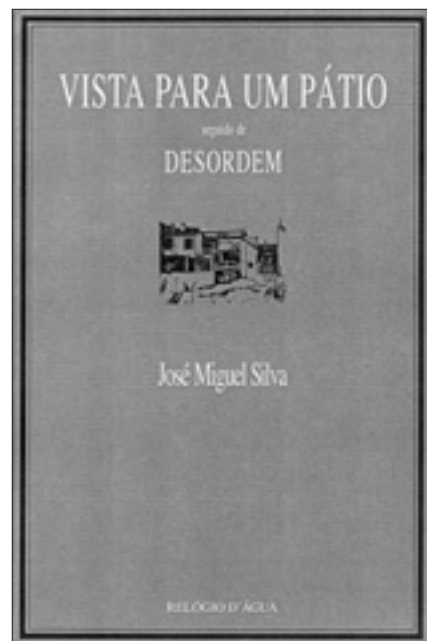
Nocturno

El arte lo sabemos nace
de la imperfección de las cosas
que llevamos a casa
como el polvo de la calle
cuando la tarde acaba
y no tenemos agua caliente
para lavarnos la cabeza.

Intentamos regular
con acequias de oraciones
el curso de la tristeza
cambiamos de silla
y pasamos la noche
diciendo ojalá
como si la palabra
fuera un anestésico.

Poema original

Nocturno // A arte já sabemos nasce / da imperfeição das coisas / que trazemos para casa / com o pó da rua / quando a tarde finda / e não temos água quente / para lavar a cabeça. // Tentamos regular / com açudes de orações / o curso da tristeza / mudamos de cadeira / e levamos a noite / a dizer oxalá / como se a palavra / praticasse anestesia. // (De *Ulisses já não mora aqui*, 2002)



Luisa Nogueira. Óleo sobre lienzo.



Penélope escribe

Es más que cierto: no siento tu ausencia.
Pasé toda la tarde ordenando tus papeles,
leyendo las cinco cartas que me fuiste mandando
la semana que perdimos: tú en el Alentejo,
yo bajo el agua. Después regué las rosas
que dejaste en el huerto. Siempre sola y sin
lamentar mi estado (porque no me haces falta),
puse el disco de Chavela que me diste en Navidad
y empecé a preparar tu plato predilecto.
Cocinar me hizo perder el apetito; por eso
abrí una botella de vino y no me cuesta
confesarte que no siento tu ausencia.
Más o menos a las diez, me obligué a rechazar
dos invitaciones para salir (alegué androfobia)
y estoy en este momento recortando tu imagen
(no me haces falta) en la fotos que guardo de los dos,
es una forma de castigar con la papelera
a la inhábil idiota que dejó que te marcharas.



Poema original

Penélope escreve // É mais que certo: não sinto a tua falta. / Fiquei a tarde
toda a arrumar os teus papéis, / a reler as cinco cartas que me foste endereçan-
do / na semana que perdemos: tu no Alentejo, / eu debaixo de água. Fui depois
regar as rosas / que deixaste no quintal. Sempre só e sem / carpir o meu esta-
do (porque não me fazes falta), / pus o disco da Chavela que me deste no Natal
/ e comecei a preparar o teu prato preferido. / Cozinhar fez-me perder o
apetite; por isso / abri uma garrafa de maduro e não me custa / confessar-te
que não sinto a tua falta. / Por volta das dez horas, obriguei-me a recusar / dois
convites pra sair (aleguei androfobia) / e estou neste momento a recortar a tua
imagem / (não me fazes falta) nas fotos que possuo de nós dois, / de maneira
a castigar com o cesto dos papéis / a inábil idiota que deixou que tu te fosses.
// (De *Ulisses já não mora aqui*, 2002)

Los mejores años de mi vida

Los mejores años de mi vida
pasaron conmigo ausente, pasaron
en una corriente subterránea.
No me enteré de nada, distraído
con la caída de la hoja,
la densa mezcla de pan y desorden.

Estaba todo por pasar, pero yo sólo atendía
a pequeñas querellas
y tímidos pasos sin ton ni son, siempre a la espera
de no tener futuro. Sentado, como un pobre
sobre un pozo de petróleo,
medía con tijeras las semanas,
me mezclaba con libros, ansiaba
el día en que dejara de sangrar.

Los mejores años de mi vida los cambié
por esto.



Gentz del Valle.

Poema original

Os melhores anos da minha vida // Os melhores anos da minha vida / passaram comigo ausente, passaram / numa corrente subterrânea. / Não me apercebi de nada, / distraído com a queda das folhas, / a densa mistura de pão e desordem. // Estava tudo em aberto, mas eu não sabia / senão de pequenas querelas, / e tímidos passos à toa, sempre à espera / de não ter futuro. Sentado, como um pobre, / sobre o poço de petróleo, / eu media com tesouras as semanas, / misturava-me com livros, ansiava / pelo dia em que deixasse de sangrar. // Os melhores anos da minha vida troquei-os / por isto. // (De *Vista para um pátio* / *Desordem*, 2003)



Gentz del Valle.